



COTIDIANO: A PRÁTICA SOCIAL DO ASSISTENTE SOCIAL

FRANCISCO VIEIRA DO NASCIMENTO NETO

ELIANE GOMES DOS SANTOS

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados da reflexão feita através de uma pesquisa bibliográfica acerca da categoria cotidiano com a finalidade de discutir as consequências dessa categoria na reprodução social e no exercício profissional do Assistente Social. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa que analisou categorias fundamentais para o entendimento da temática, através de leituras e discussões feitas com o fito de perscrutar essas categorias e sua importância para o Serviço Social. A proposta é apreender essas categorias para que se possa compreender a relação delas e suas exigências no exercício profissional e na formação profissional. Conclui-se que os desafios postos na atualidade exigem dos profissionais um aprofundamento teórico-metodológico, que possibilite entendimento qualificado da realidade, e técnico-operativo, além do compromisso ético-político.

PALAVRAS-CHAVES: Cotidiano; Prática Social; Serviço Social.

ABSTRACT

This article presents the results of the reflection done through a literature review about the everyday category in order to discuss the consequences of this category in social reproduction and Professional Social Worker exercise. This was a qualitative study that analyzed fundamental categories for understanding the theme, through readings and discussions made with the aim of scrutinizing these categories and their importance for social work. The proposal is to grasp these categories so you can understand their relationship and their demands in professional practice and vocational training. It concludes that the challenges posed today require professional theoretical and methodological deepening, which allows qualified understanding of reality, and technical-operative, beyond the ethical and political commitment.

KEYWORDS: Everyday; Social practice; Social Service.

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a categoria cotidiano suscita refletir sobre a noção do qual se trata essa categoria e como essa está presente no debate sobre o fazer profissional do assistente social. Para tanto é preciso analisar a forma como a sociedade está organizada hoje e como a mesma implica diretamente nas consequências colocadas pelo cotidiano. Para isso num primeiro momento discutimos o trabalho como categoria fundante do ser social, para poder refletir sobre a própria ação do homem, referente a produção e reprodução das relações sociais, através de uma sociedade mercadológica a qual impõe condições de vida distintos e que recai sobre o mesmo peso para os “protagonistas” e “figurantes” das classes sociais, ficando com o ônus a classe dominante detentora dos meios de produção, e restando o ônus para a classe dominada detentora de sua força de trabalho para venda como forma de subsistência. Evidenciamos o materialismo-histórico-dialético de Marx como orientação teórico-metodológica capaz de dá base para a problematização e possibilidades de ação do Serviço Social nessa sociabilidade.

No segundo momento abordamos sobre a própria categoria, o cotidiano, colocando questões para a reflexão sobre a sua crítica e a prática social no exercício profissional do Serviço Social, capaz de dá subsídios para a apreensão da temática e questionamentos sobre as consequências da mesma. Por fim, através das discussões realizadas e do entendimento da categoria na atualidade, colocamos como primordial uma base teórica crítica, a teoria social de Marx,

como sendo necessária para a intervenção do assistente social em seu exercício, enquanto profissão mediadora no conflito dominador/dominado, sendo de suma importância um teor crítico para com o profissional possibilitando a apreensão da realidade em sua totalidade e por conseguinte enfrentar os desafios postos na cotidianidade.

TRABALHO E A REPRODUÇÃO SOCIAL

A partir das transformações sócio históricas, fica claro que a produção do conhecimento só começou a ser refletida com o surgimento das classes sociais, mas, não queremos aqui dizer que antes da existência das classes sociais não existia o conhecimento, e sim que não se preocupava com a reflexão do mesmo. Para uma classe dominar a outra, a dominante tem que criar uma concepção de mundo que justifique as forças materiais e não matérias (ideias e valores) para se manter no poder.

É com o surgimento da sociedade burguesa que Marx desenvolve a sua teoria, a partir da análise dessa sociedade e das contradições nela presente que são derivadas da relação capital/trabalho, Marx elabora uma teoria crítica para compreender a transformação radical sofrida pela sociedade, de acordo com a atual conjuntura essa transformação só poderá ser feita pela classe trabalhadora.

De acordo com Tonet (2013, p. 67):

Esta classe que produz a riqueza material e que é objeto de exploração do capital, necessita, para poder ter acesso à riqueza que ela mesmo cria e da qual é expropriada, superar completamente toda exploração do homem pelo homem. Para isso, porém ela demanda uma exploração acerca da origem do ser social, da natureza do processo histórico e da desigualdade social.

Essa explicação é necessária para que o homem entenda o porquê da transformação radical dessa sociedade, no momento que passa a perceber que todo esse processo constitutivo nada é por acaso, como por forças naturais, são resultados da ação do homem ao longo do processo histórico.

Ora, é com base na análise crítica das reflexões tratadas aqui, que o materialismo histórico-dialético elaborado por Marx nos dá o pilar central para discutir essa relação contraditória dessa sociabilidade.

A sociedade burguesa é uma totalidade cheia de complexos, os quais são necessários entender essas categorias em meio às contradições existentes, importante destacar aqui o ser social fundante a partir do trabalho.

Para chegar ao ser social como já mencionado, houve transformações, do ser inorgânico (não reprodutor) para o ser orgânico (o reprodutor), é esse salto ontológico até chegar ao ser social que nasce o trabalho, derivado do desenvolvimento dos processos históricos. O trabalho é entendido aqui como mediação entre o homem e a natureza, o homem transforma a natureza para satisfazer as suas necessidades, ao transformá-la, transforma a si mesmo e ao outro. Essas necessidades é que fazem desenvolver a sociedade, da mais simples a formações sociais cada vez mais complexas, é perceptível a mudança das relações do homem/homem.

O caráter teleológico do homem de produzir na consciência o resultado final do produto é o que o distingue enquanto ser social da natureza, na medida em que só o homem tem a capacidade de pensar teleologicamente o resultado final a ser alcançado. Ou seja, só o homem é detentor da práxis, entendido como o pensar (ideal) e o agir (ação), só o homem é capaz de projetar idealmente e objetivar na realidade material o que foi projetado, diferente do animal que age por instinto. O homem pensa teleologicamente a partir de seus fins e para alcança-los utiliza de mediações (ferramentas, técnicas etc.).

Uma aranha – diz Marx – executa operações que se assemelham as manipulações do tecelão, e a construção das colmeias pelas abelhas poderia envergonhar, por sua perfeição, a mais de um mestre-de-obras. Mas há algo em que o pior mestre-de-obras leva vantagem, de imediato, em relação à melhor abelha, e é o fato de que antes de executar a construção, projeta-o em seu cérebro. (Marx, *apud* Vázquez, 2007, p.223)

A capacidade humana em transformar a natureza, desenvolveu os bens necessários para o desenvolvimento da humanidade, as consequências da objetivação concreta intelectual do homem não se limitam na produção de um objeto imediato, mas continua por todo processo de evolução da humanidade. Isso se intensifica quando o homem passa a produzir mais que o necessário para suprir as suas necessidades básicas (produção excedente), começa a exploração do homem pelo próprio homem. Agora o trabalho será realizado por classes sociais, a qual a classe dominante possui os meios de produção e a classe dominada somente a sua força de trabalho, é preciso agora mais que produzir o necessário é criar condições para que o trabalho de exploração seja mantido. Surge a necessidade de complexos sociais para que organize as relações sociais de produção, complexos como o Estado, política etc.

DA VIDA COTIDIANA À PRÁTICA SOCIAL E À CRÍTICA

Com a apropriação da teoria de Marx os assistentes sociais passaram a construir uma visão crítica sobre o cotidiano, esse novo embasamento teórico deu a possibilidade do profissional suspender temporariamente a cotidianidade.

Segundo Netto (2007, p. 65) “[...] uma apropriação séria e responsável do arsenal crítico da teoria social de Marx, especialmente do complexo categorial que esta elaborou para dar conta do modo de reproduzir-se do ser social”. Nos

dá base enquanto arsenal teórico, permitindo que o profissional tenha uma postura que vá além da aparência e procedimentos costumeiros.

Refletir sobre a vida cotidiana é ampliar o que se pode compreender como vida cotidiana e não tratar essa categoria de forma sistemática com começo, meio e fim. Essa categoria ontologicamente tem a característica que nega o determinismo, ela é um movimento apresentada na vida no dia-a-dia de todos, e sobretudo o centro de atenção do Estado e da produção capitalista de bens de consumo.

O cotidiano é gerido pelo Estado moderno no sentido moral, “pelos regulamentos e leis, pelas proibições [...], pelo controle das informações etc...” (CARVALHO, 2007, p. 17). O Estado assume o papel de gestor da sociedade interferindo diretamente na vida cotidiana, assim na reprodução social. Para a produção capitalista de bens de consumo, o cotidiano é uma base econômica inesgotável, com a tecnologia introduzida nas máquinas e utensílios domésticos circuladas através dos meios de comunicação, consumi-los torna-se um condicionante ao chamado homem moderno. Nunca se foi tão fácil consumir, a agressiva lógica posta nos meios de comunicação e o crédito colocado à disposição, é com o fim de permitir qualquer indivíduo de qualquer classe social consumir.

A vida cotidiana para o Estado e para as forças capitalistas passa a ser fonte de exploração e espaço de dominação. Não existe vida humana sem o cotidiano e a cotidianidade, eles penetram eternamente em todas as esferas da vida do homem (trabalho, família, relações sociais, etc.), a vida cotidiana “[...] se altera seja em função dos valores de uma dada época histórica, seja em função das particularidades e interesses de cada indivíduo e nas diferentes etapas de sua vida” (CARVALHO, 2007, p.25).

A heterogeneidade hierarquizada, ou seja, a forma como está ordenada em níveis diferentes o valor humano na vida cotidiana, em movimento com ela introduz uma das características da cotidianidade que é a rotina, expressa por sucessão linear de gestos, atividades repetitivas no dia-a-dia, tendo como consequência igualmente da vida cotidiana a imediaticidade e o pensamento manipulador, com isso, por exemplo, na “correria” do dia-a-dia acabamos realizando determinadas atividades no fazer por fazer.

O cotidiano é insuprimível e está inserido em outra categoria que é a reprodução social, ora, não se pode eliminar o cotidiano, ele ontologicamente existe na reprodução social, na reprodução do homem pelo homem nas suas relações, “isso significa que, na vida cotidiana, o indivíduo se reproduz diretamente enquanto indivíduo e reproduz indiretamente a totalidade social” (CARVALHO, 2007, p 26).

O processo cognitivo é essencial para construir o cotidiano. O homem não é só singularidade, é, ao mesmo tempo, singular e genérico. Enfatizamos que o cotidiano enquanto categoria da reprodução social como já citado, é preciso entendê-lo numa reprodução social existente numa determinada sociabilidade, falamos da sociedade capitalista em que as relações sociais se dá de forma mercadológica, com isso afirmamos que o cotidiano se materializa no modo de produção da riqueza nessa sociedade. É nessa sociedade vigente que o cotidiano nos coloca numa posição de ação sem reflexão, um ato acrítico, pragmático, consequentemente só se percebe o singular.

A grande questão é a passagem do individual ao universal, isso ocorre quando se rompe com a cotidianidade através da homogeneização, mediação necessária para suspender a cotidianidade, ou seja, é quando o homem sai da individualidade e parte para o humano genérico.

Nesta suspensão, a singularidade se conhece como participante da universalidade (totalidade), assim o indivíduo suspende o cotidiano, vai na consciência para quando voltar conhecer a totalidade, possibilitando a transformação do cotidiano singular e coletivo, na medida em que são as relações sociais de dominação e poder na sociedade do capital que tem como foco da práxis revolucionária, a transformação desse cotidiano pelas classes e grupos sociais oprimidos.

É na vida cotidiana que se consolidam as condições de vida mais amplas, e é nela e sobre ela que nós, enquanto assistentes sociais realizamos nossa prática. O assistente social está inserido como mediador na relação contraditória entre Capital X Trabalho, “é por isso que os profissionais do Serviço Social atuam basicamente na trama das relações de conquista e apropriação de serviços e poder pela população excluída e dominada” (CARVALHO, 2007, p.52). Assim, é preciso compreender que forças e relações contraditórias existem em uma totalidade do cotidiano, para não cair na alienação. Desse modo, exige dos profissionais ações baseadas na leitura da realidade em sua totalidade e não de forma fragmentada como é colocado pelo cotidiano na imediaticidade, assim possuindo o poder de interferência sobre os sistemas que mantêm o Estado.

Repensar a prática social e a vida cotidiana é elaborar e realizar uma prática possível de compreender e intervir na realidade, ou seja, toda prática social tem uma intencionalidade, um movimento e um fluxo de relações. A prática social pode tomar uma direção mais profunda e global, esta por sua vez é precisamente a práxis social, “[...] supõe um processo de reflexão/ação em espiral e, sobretudo, supõe uma atividade humana que se despojou da consciência comum, [...]” (CARVALHO, 2007, p.59). Com isso, a prática exercida pelos profissionais do Serviço Social deve se articular e buscar sua direção nas práticas movidas pelos grupos sociais oprimidos, pois são esses os sujeitos

possíveis, capazes de elevar a sua consciência ao máximo e assim caminhar por diferentes alternativas em direção a uma história revolucionária.

CONCLUSÃO

Portanto nossa prática social não é neutra, temos uma direção e uma finalidade clara, embasada na nossa visão de mundo de acordo com a orientação por nós seguida, a marxista. A maneira como a realidade é percebida de forma crítica tem relação com a postura teórico-metodológica que o profissional adota, com a teoria social de Marx, que defende que as relações sociais são inteiramente interligadas as forças produtivas, que estas relações acontecem de acordo com o processo sócio histórico, pois os fenômenos se apresentam de maneira diferente em cada sociedade. Esta relação ontológica e histórica representa uma totalidade, ou seja, a percepção da realidade social como um todo que está relacionada ente si. Segundo Netto (2011, p. 79) “O cariz da teoria marxiana é de natureza ontológica. O que nela se visa é a realidade — o ser social (sua produção e reprodução)”.

Assim, no cotidiano, podemos tanto nos remeter a dá respostas levando em conta a aparência e a imediatividade do dia a dia, como também podemos suspender esse cotidiano, no sentido de atingir a consciência do ser humano a elevando, para ao voltar a realidade conhecer a totalidade. Por fim, reafirmamos a necessidade do assistente social de ir além da aparência, em utilizar a capacidade de crítica para interpretação e atuação na realidade objetiva, para isso é necessário ter um arcabouço teórico capaz de embasar um pensamento crítico, entendendo o movimento da realidade em sua totalidade, assim nos fornecendo juntamente com a direção a seguir, nossas estratégias de ação, atos reflexivos, coletivos e conscientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; NETTO, José Paulo. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 7. Ed. São Paulo, Cortez, 2007.
- LESSA, Sérgio. O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade. In: *Capacitação em Serviço Social e política social*. Módulo 2: Crise contemporânea, Questão Social e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999, p. 21-33.
- NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2011.
- SÂNCHEZ VÂZQUEZ, Adolfo. *Filosofia da práxis* – 1ed. Buenos Aires: Consejo Latino americano de Ciencias Sociales – CLACSO: São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.
- TONET, Ivo. *Método científico: uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) – São Cristóvão. Grupo de Estudos e Pesquisas em Fundamentos, Formação em Serviço Social e Políticas Públicas (GEPSSO). E-mail: netobernini@gmail.com

Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) – São Cristóvão. Grupo de Estudos e Pesquisas em Fundamentos, Formação em Serviço Social e Políticas Públicas (GEPSSO). E-mail: eliane.00@live.com

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: